

A incompreensão do FMI

A sinistrose não tem razão de ser, pois não vamos cair no abismo por mais que nos empurrem. Como a nossa imaginação é muito fértil sempre encontramos uma saída inesperada para as crises. Vejam, por exemplo, o que acontece com a eleição do Diretório Nacional do PDS. A chapa Participação, que combatia a oficial e nunca se considerou dissidente, teve 35% dos votos, mas não levará nada porque o Presidente não quer. Ou seja, terá o direito de participar, mas ficando de fora.

As esquerdas condenaram com veemência a intervenção do FMI, explicada como natural precaução de agiota, mas já desistiram. Provavelmente acabou o uisque no bar em que se reúnem. Sem resistência, aproveitando da hospitalidade, o FMI vai entrando, opinando, por não saber o risco que está correndo. A famosa Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, por exemplo, já se enquadrou: acaba de pedir ao FMI que proteja a ecologia do pantanal. Vamos acabar vendendo Mister XPTO, de chapéu a Livingstone, cuidando de nossos jacarés, defendendo-os dos poderosos bolivianos. Ainda bem que nem todos fazem as mesmas confusões de Mister Reagan.

O Ministro do Planejamento reaparece satisfeito, deixando um bar de Londres em companhia de amigos que, certamente, não lhe falaram nem de crises nem de moratória. Até sexta-feira, quando devemos pagar US\$ 400 milhões, o ministro terá algum tempo para arranjar o dinheiro, mais do que gastou para esperar, na porta do clube, os dois Mercedes em que passeava com sua pequena comitiva. E claro que não podia apresentar-se como quebrado porque, se o fizesse, não rolaria a dívida.

As greves cessaram rápido com a demonstração do Governo de que não estava brincando, porque ninguém é de ferro. Pode-se discutir o método, mas não a eficiência alcançada, que nos salvou de desdobramentos perigosos. Restou a impressão de irresponsabilidade do movimento sindical, que disputa a presidência partidária, atingindo a economia do País e ameaçando os jornalistas que, co-

mo o cordeiro da fábula, acabam sendo os culpados, sempre. A greve imatura, verifica-se, fez mais 307 desempregados em São Paulo, onde o nível de ocupação das indústrias está igual ao de 1973. Dez anos inúteis.

Os Governadores ouviram calados a recriminação do Presidente da República, quando deviam, por lealdade, ter-lhe dito que a culpa é de todos. Inclusive dele, Presidente. E mais da falta de coordenação política, das disputas internas do Governo, onde os ministros se desentendem até de público. E deles, Governadores, que não têm o controle de suas bancadas e não podiam garantir votos que não tinham. Como poucos dizem ao Presidente da República o que realmente ocorre na área política, é justo que ele fique decepcionado, ainda mais porque esta é a terceira derrota que o deputado Paulo Maluf lhe impõe dentro do PDS, do qual é Presidente de honra.

Compreensível a reação do Presidente, às vésperas de uma provável operação no coração, que preocupa a todos nós. Angustiado com a situação do País, que, enfrentando a pior crise econômica de sua história, vê o Sul inundado e o Nordeste seco, racionando a água. Cabe-lhe distribuir a escassez, consequência, em grande parte, dos abusos do milagre e dos projetos megalomaníacos dos que o antecederam.

E uma missão difícil, mesmo porque a escassez não atinge a todos. Ainda ontem, o Tribunal de Contas da União descobriu que o Banco Central está com 2 bilhões para construir luxuoso prédio de 19 andares em Belém, onde tem 160 funcionários. Como serão menos de dez por andar, o Banco, previdente, adverte que terá de admitir outros.

O prédio, explica o Banco, terá um grande significado social, porque acabará com renomada zona de meretrício. Não é fácil o FMI compreender que rolesmos a dívida enquanto aplicamos Cr\$ 2 bilhões para tirar o ponto de algumas prostitutas. E que somos um País moralista...

JOÃO EMÍLIO FALCÃO